Sipeq
V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

PLANTÃO PSICOLÓGICO E CENTRO DE ACOLHIDA: UM OLHAR PARA O MOVIMENTO DA PROCURA PELO ESPAÇO DO CUIDAR

Renata Capeli
Patricia Riquelme de Souza Santos
Regina Maria Sarto Giglio

Universidade Paulista – UNIP
capeli.renata@gmail.com; riquelme.patricia@yahoo.com.br; r_maria@ig.com.br

Resumo

O Plantão Psicológico, realizado no Centro de acolhida para crianças e adolescentes, é uma modalidade de prática psicológica que visa proporcionar um espaço de escuta e acolhimento daquilo que se apresenta como queixa, possibilitando o desvelar da demanda de cuidado do ser, em que oferta-se intervenções, pautadas em devolver a tutela do próprio existir e, sendo compreendido mutuamente realizar encaminhamentos adequados. A atitude clínica do estar junto em Plantão Psicológico compreende a criança e o adolescente como um ser de abertura em constante relação com o mundo, que articula e rearticula sentidos conforme os modos como sua existência se dá. Sendo possível que em sua lida com si mesmo, os outros e o mundo ressoe perda e ausência de sentido, gerando o movimento explorado pelo espaço do Plantão. Diante do encadeamento das situações vividas, das compreensões construídas pela escuta e narrativa de sua própria história, o encontro possibilita ao ser refletir sobre os desvios em seu poder-ser mais próprio. Apresenta-se através deste estudo, olhar para o movimento gerado em Plantão Psicológico no Centro de Acolhida para crianças e adolescentes na região de São Paulo, os atendimentos foram realizados por plantonistas/estagiárias da clínica-escola da Universidade Paulista.

Palavras-chave: Plantão Psicológico. Fenomenologia Existencial. Atendimento de crianças e adolescentes. Atendimento institucional.

Abstract

The Psychological Plan, held at the Reception Center for children and adolescents, is a form of psychological practice that aims to provide a space for listening and receiving what is presented as a complaint, enabling the unveiling of the demand for care of the being, there are interventions, based on returning the tutelage of one's own existence, and being mutually understood to make appropriate referrals. The clinical attitude of being together in Psychological Schooner understands the child and the adolescent as a being of openness in constant relation with the world, that articulates and rearticulates senses according to the ways in which its existence takes place. It is possible that in his dealing with himself, others and the world resound loss and absence of meaning, generating the movement explored by the space of the Dwelling. Facing the chaining of lived situations, the understandings built up by listening and narrative of their own history, the encounter enables to reflect on the deviations in their power-to be more proper. It is presented through this study, look at the movement generated in Psychological Plant in the Center of Acolhida for children and adolescents in the region of São Paulo, the attendances were realized by attendants / trainees of the clinic-school of the Paulista University.

Keywords: Psychological Plan. Existential Phenomenology. Attention of children and adolescents. Institutional attendance.

Introdução

O presente trabalho se propôs a refletir sobre a relação dos modos de cuidado de si, dos outros, do mundo e das coisas e o espaço do Plantão Psicológico, abarcou as plantonistas as crianças e adolescentes, em uma instituição da Zona Oeste da cidade de são Paulo.

Para explicitar este caminho, inicia-se com a compreensão exposta por Capeli (2017, p. 6), a "experiência do Plantão fundada nos princípios de uma prática engajada, coletiva e transformadora", promove possibilidade de mudança a partir de "algo novo, diferente, disponível como possibilidade e que não se realiza senão a partir do exercício do encontro entre pessoas no Plantão" (CAPELI, 2017, p. 6).

Diante da proposta realizada pelo serviço de Plantão Psicológico, buscou-se identificar demandas psicológicas neste contexto institucional e da vida cotidiana, levando-se em conta as necessidades do cliente em seu contexto sócio-cultural. Utilizou-se da Fenomenologia Existencial como referencial que fundamentou a prática, de modo a atender às questões emergenciais desta população, com intervenções adequadas ao referencial teórico escolhido e a atuação proposta. Conforme as autoras Aun e Morato (2009, p.121), "a prática clínica acompanha esse modo de apresentação, infiltrando-se entre as relações para oferecer atenção e cuidado àquele que adoece pela e/ou na rede social.".

Isto posto, o serviço de atendimento pelo Plantão Psicológico busca expressar uma atitude clínica do profissional psicólogo, que se propõe a cuidar pela prática em respeitar e promover a liberdade, dignidade, igualdade e integridade de cada indivíduo, firmando este fazer que vise a promoção da saúde e a qualidade de vida dos sujeitos e das coletividades (CAPELI, 2017; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014). Soma-se a estes fundamentos, as especificidades desta atitude com a responsabilidade social, a análise minuciosa do contexto em que se compromete e, assim, buscar promover a expansão do acesso a tudo o que envolve o exercício e o campo de atuação do fazer psicológico, de modo a seguir com zelo para um fazer que seja digno e considere as relações de poder com posicionamento e análise crítica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014).

É deste lugar, que se destacou a experiência do Plantão na instituição dentro deste Centro de Acolhida de crianças e adolescentes, coexistindo no espaço público e funcionamento do local, sem espaço pré-definido, mostrou-se como um meio de ampliação do setting de atuação. Embora com a possibilidade de retornos, a oferta consistiu no acolhimento do encontro, este considerado único. O encontro se configurou na escuta atenta, mobilizou o profissional para o

preparo do ouvir e acolher o outro em sofrimento, o que requereu uma postura aberta indo de encontro com o inesperado, o novo, o estranho, a cada atendimento (AUN; MORATO, 2009). Pela perspectiva fenomenológica existencial se desconstrói a concepção do saber apriorístico, ao suspender aquilo que se sabe, para estar ali naquele espaço compartilhado com o outro, sustentando o inesperado e as incertezas que poderão surgir a cada encontro, aberto às possibilidades de poder ser a cada encontro. (ANDRADE, 2008).

Este fazer, já descrito anteriormente pautado na ética profissional, garante-se o sigilo mesmo no espaço público, na medida em que se inseriu intervindo silenciosamente no cuidado e atenção às demandas emergenciais, sem interferir na rotina e dinâmica institucional. De acordo com Aun e Morato (2009, p. 121), "Uma ação social e clínica reverlar-se-ia como clínica pelo modo de convivência, atuando na situação, junto ao ator social e à instituição na qual se insere, pelo modo de compreender ser a prática psicológica como uma ação em ação.". Assim, possibilitou se aproximar, compreender e permitir o desvelar da dor de cada ser de abertura no mundo que ali se encontrava, buscou ouvir o clamor do sofrimento através do espaço ofertado pelo Plantão Psicológico.

O plantonista se torna a testemunha da emergência narrada por aquele em sofrimento, que através de questionamentos e intervenções desvela a singularidade daquele que narra e de seus modos de ser, de forma a abrir desdobramentos possíveis para o existir no encontro (MORATO, 2009). Relacionou-se com a postura descrita por Aun e Morato (2009, p. 135), como "sujeito e ator social, o clínico coloca-se como interlocutor estrangeiro a ser afetado pelo campo e também dizer do clamor em suas próprias emergências e urgência, através das relações sempre inaugurais por sua intervenção.".

O ser sofrente que se apresenta na instituição está lançado ao mundo e precisa dar conta de sua existência, isto é, dar conta do cuidado de si, do mundo, das coisas do mundo, dos outros, tendo assim a possibilidade da escolha deste modo de cuidado, tornando a sua vida significativa. Nesta ação do plantão, as plantonistas buscaram no encontro, ampliar a compreensão de como é este modo de existir deste que procura, de forma a se apropriar de sua condição de existência na busca por um sentido mais próprio (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011).

Segundo Pompéia (2004), o caminho em que o ser sofrente procura pela oferta lançada pela prática psicológica, no caso o Plantão Psicológico, refere-se a uma busca pela verdade.

Verdade posta aqui, como desvelamento diante da manifestação de ser, então, a procura se dá por uma certa verdade libertadora. Liberdade que vem acompanhada pela vivência de compreensões, diante do tornar-se livre de algo e o que buscar ao se deparar com a liberdade. Assim, a procura comunica o caminho da liberdade que promove a busca de um sentido, sentido que está velado diante das dificuldades de sustentar o próprio existir.

A interação na prática psicológica descrita por Pompéia (2004, p. 161), em que diante desta procura o que se busca "é reencontrar a expressão do nosso modo de sentir, o re-cordado, principalmente aquelas coisas que já nos foram caras, que já foram coisas do coração, mas que perderam este vínculo em virtude de dificuldades de comunicação, tornaram-se desgastadas. Foram esquecidas, mas num esforço da procura, através da linguagem poética, podemos reencontrá-las. Quando isso acontece, encontramos uma verdade."

Em consonância, o autor discursa sobre o desejo do ser de habitar o sentido, sentir a morada em seu próprio mundo diante da abertura para possibilidades, mesmo não podendo tudo. Desse modo, o ser se depara com a possibilidade de perder-se, perder a morada do sentido, por não saber o que se faz com a própria liberdade, na medida em que o prosseguir em direção à, se apresenta com restrições. "Nesses momentos é preciso cuidado..." (POMPÉIA, 2004, p. 169). Em vista disso, o Plantão visou oferecer o espaço do cuidado ao ser desabrigado por sua morada de sentido para que possibilite reencontrá-la.

Neste envolvimento, quebrando muitas concepções históricas e atuais, está a criança e o adolescente que também buscam um sentido mais próprio. Precisam lidar com o encargo de seu existir e, desse modo, foram através da procura ao encontro do espaço do Plantão Psicológico.

CRIANÇA DESCONHECIDA

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,

Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.
O modo como esta criança está suja é diferente do modo como as outras
estão sujas.
Brinca! pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

O poema de Fernando Pessoa, Criança desconhecida (2013, p.83), publicado pelo heterônimo Alberto Caeiro, expressa com uma beleza os primeiros contatos com a criança e adolescente que vieram em busca do Plantão, principalmente por parte das plantonistas e o envolvimento afetivo emocionado frente esta experiência. De acordo com Morato (2009, p. 32) o plantonista se coloca "Disponível para compreender, afetando-se pela modulação experiencial de percepções, sentimentos, interpretações, mudanças, escolhas e decisões mostrados pelo cliente, o plantonista se abre ao seu próprio experienciar como via de interpretação compreensiva.". E assim, as crianças e os adolescentes "desconhecidas" buscaram abrigo através do espaço do cuidado, vieram brincando, "sujas", cada uma única por sua queixa inicial.

Interessante se mostra o trecho do poema que acompanha o verso: "Nem aqui vinhas.", pois era um espaço nunca antes proposto, desse modo senão fosse ela em sua condição existencial que se encontra desabrigada, seria então outra e não procuraria pelo espaço que possibilita retornar em sua morada. O verso: "Aprecio a tua presença só com os olhos.", comunica a disponibilidade como plantonista de estar no meio em que se apresentou essas crianças e adolescentes.

Por fim, o poema expressa o movimento de suspensão necessário diante de tantas pré-concepções e conceitos determinantes do desenvolvimento infantil, entre outros. Este movimento possibilita voltar às coisas mesmas, ao fenômeno em si e, permitir que ele se mostre por ele mesmo, finalizando com os trechos: "Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior? /Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.". Foi possível como plantonistas encontrar "possibilidades outras que transcendem os saberes teórico-práticos da academia especialista: ouvinte de histórias humanas e descobrindo modos de

subjetivação constituintes do mundo dos homens, suas crenças e sabedoria de vida" (MORATO, 2009, p.32).

Mostra-se necessário ver a criança como um ser em totalidade, possui seu modo de ser que é próprio, um poder ser que já vivencia as limitações próprias de um mundo compartilhado consigo mesma, com os outros e com as coisas do mundo. A criança atribui sentido e cria significados, vive um momento de descobertas e a prática psicológica deve aproximar o caminho de sua autoria, ouvindo o dizer próprio delas (CYTRYNOWICZ, 2005).

A proposta inicial do serviço de plantão psicológico foi solicitada para os profissionais da instituição, familiares das crianças e adolescentes e, para a comunidade no geral. Diante da crescente procura das crianças e adolescentes pelo espaço do atendimento, o serviço foi estendido a estes atores sociais. Pois o cuidado se dá diante da possibilidade de poder ser, que ao compreender o mundo e o seu modo de ser, daquilo que sustenta a determinação para se pensar em um outro olhar, que através do estranhamento, possa se abrir para os modos mais próprios de ser (SCALATI, 2015). Assim ao se pensar, se depara com o agir, agir diante daquilo que se pode suportar, do que é possível naquele momento, devolvendo ao ser existente a responsabilidade do seu cuidado, "o plantonista encontra-se com seu modo próprio de ser plantonista/cuidador" (MORATO, 2009, p. 32).

Os atendimentos ocorreram semanalmente dentro do horário de 2 horas, sem tempo pré-determinado entre um atendimento a outro, sem local específico, configurando-se ao ar livre, no pátio e corredores, salas disponíveis e outros locais possíveis de acontecer os encontros. Foram realizados atendimentos no período de 24 de março a 24 de novembro de 2017, com crianças de 09 e 11 anos, adolescentes 12 aos 16 anos, entre outros sujeitos.

1.1 O ser criança e o ser adolescente frente o espaço do cuidar

O movimento através do Plantão Psicológico respeitou o que se propõe, os encontros com as crianças e adolescentes se deram de forma espontânea, pelo se colocar à disposição e, possibilitar um local seguro para abrirem suas questões diante do momento vivido (AUN; MORATO; 2009). Ao estar lançado no mundo é de responsabilidade do ser dar conta de sua existência, então, quando surgem ressonâncias de seus modos de existir que lhe causam estranheza e até mesmo sofrimento, refletirá um clamor por cuidado (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011). Assim, os temas trabalhados vieram de encontro com o cuidado, frente

esta inabilidade de como lidar com o mundo hostil que limita o cuidado de si ou o ser cuidado.

Apresentaram seus pedidos de ajuda conforme suas lidas com si mesmo, com os outros, com o mundo e as coisas. Expressaram dificuldades: em sustentar a própria vida; em se deparar com a possibilidade da morte no meio familiar; em lidar com os sentimentos de raiva em si e do outro; em relação às mudanças; diante da relação familiar; frente o contato com o uso de drogas ilícitas; na relação do familiar com síndromes/doenças e suas possíveis restrições; na própria relação com o corpo e as percepções de si mesmo; entre outros. Soma-se a isto o possível movimento de insegurança instaurado: perante a possibilidade de acreditar na morte como solução, no contato direto com outro por meio agressivo, na relação com a autoestima, autoimagem e autoconceito, em relação ao meio familiar que se apresenta como inóspito. Notou-se que houve a busca pelo Plantão Psicológico para acolher as mais variadas demandas e pedidos de urgência por cuidado.

Para a criança e o adolescente, essa estranheza diante de seu modo de ser-no-mundo com os outros dificulta sua própria sustentação desse mundo que os agride. Ao se deparar com o conflito, ao se sentir ameaçado, inúmeros sentimentos podem surgir, como se acontecimentos imprevistos fizessem perder o sentido, levando à condição de desabrigo existencial (SÁ, 2015). Então, expressa impotência em não saber como lidar, nesta condição de ser-com-outro, fadado ao mundo de co-pertinência mútua, diante de sua existência com vivências e conflitos constante (BRITTO, 2017).

Foi possível compreender, que através das temáticas emergidas no Plantão, conforme Oaklander (1980), o comportamento agressivo não expressa necessariamente o sentimento de raiva em si, mas um desvio dos sentimentos reais. Ao agir de tal maneira, a criança/adolescente manifesta sentimentos de rejeição, insegurança, ansiedade e mágoa, sendo incapaz de explicitar claramente o que está sentindo. Pois, de sua relação com o mundo, a existência lida com o que se revela, despertando-lhe vários sentimentos. Talvez se manifeste certa insegurança e temores, em não saber como será aquele dia, de como será o amanhã. Em vista disto, ocorre que são provocados pelo meio, tem dificuldade de lidar com sentimentos formados dentro deles devido este ambiente, hostil porque muitas vezes o deixa com raiva e com medo, portanto, quando os agride o faz porque não sabe fazer diferente (OAKLANDER, 1980).

Ao experenciar os modos de existir, em que se pode apresentar dificuldades de sustentação, portanto de desabrigo, uma possibilidade que se apresentou nos atendimentos foi a ideação suicida, pensar na morte como uma saída para dor e sofrimento existencial.

Surgiu também no encontro a expressão causada pela culpa, como se ao errar se perdesse a própria integridade, sentindo por aquilo que fez ou deixou de fazer, ao sentir sempre em dívida consigo mesmo, com seus familiares e com o mundo. Isto também mobiliza um sentimento de ausência de morada, que causa dor e sofrimento (POMPÉIA; SAPIENZA, 2004).

Outro aspecto que clamou por cuidado, ao se deparar com a impossibilidade das possibilidades que é a morte, a aproximação da "perda" de alguém que se ama. Desvelou-se a dificuldade na lida com o que se apresenta no factual, frente à falta de familiaridade com aquilo que não pode controlar (MAGLIANO, 2015). Ao se deparar com esta vivência, descobre-se diante de uma fragilidade, isto é, de uma ruptura que escapa a seu conhecimento e seu controle, se apresenta ao ser uma realidade dura e que diz respeito a todos (FERREIRA, 2015).

As demandas expressaram o movimento do ser criança e do adolescente, que ao se tornar desabrigado de si mesmo, dos outros e do mundo, sente-se mais exposto, vulnerável às solicitações do mundo, portanto, tomado pelo medo, o medo de viver aquilo de novo, do não mais ser, de estar-lançado, da indeterminação do futuro. Manifestam-se restrições em seu modo de ser relacional, em que a vida passa a expressar desânimo, desconfiança de si, do mundo e das pessoas, como se perdesse o contato com o próprio existir (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011).

O caminho pelo qual a criança e o adolescente como ser de abertura percorre pode-se deparar com o não poder tudo, com as perdas, desilusões, dificuldades e outros processos. Sendo ser de possibilidades decaído em uma facticidade, diante de tudo o que vem ao próprio encontro, está aberto para este mundo. Nesta existência que se dá como projeto, é atravessado por possibilidades, de modo que, não se pode todas. Existem as possibilidades que se excluem e aquelas que nunca se realizarão, pois a "existência de cada um de nós se caracteriza por ser esse poder-ser, que é um ter-de-ser cuidando do próprio ser que está sempre em jogo e impregnado por todos os nãos, pelo que ainda não é, pelo que não é mais, pelo que nunca será e ficará faltando." (SAPIENZA, 2015, p. 82).

A cada momento de disponibilidade pelo estar junto em Plantão, percebia-se que a partir da compreensão de sua condição no mundo, do seu poder ser e da compreensão das sensações físicas que afetam as crianças/adolescentes, nomeando cada uma delas e reconhecendo-as, poderá se abrir novas possibilidades de existir, diante das escolhas de suas vidas. Em relação aos sentimentos de ansiedade, raiva, afeto, uma forma de lidar com eles pode se dá através da aproximação e reconhecimento destes sentimentos, ou seja, tomar ciência, conhecê-los de perto, para assim contornar a situação, de modo a escolher a melhor forma de expressá-los (OAKLANDER, 1980). Para isso é importante tomar consciência de algo que mesmo presente está velado e, se apropriar da sua própria possibilidade de existência, do cuidado de si mesmo, podendo ser possibilitado pelo espaço do Plantão Psicológico, quando a pessoa sente que sua dor/sofrimento pode ser verdadeiramente ouvida. (HALPERN-CHALOM, 2001). Conforme Capeli (2017, p. 8), todo esse movimento gerado pelo lugar do Plantão, diante da procura e do exposto pelas crianças e adolescentes, ao ser plantonista, viabilizando o espaço do cuidado somente é possível através da reflexão, esta se apresenta "como uma possibilidade de questionar as interpretações até então tidas como verdadeiras, propiciando um desgelamento das mesmas. Tal atividade propicia a abertura para novas perspectivas de ver a si e suas possibilidades de lidar com o mundo.".

Através de cada encontro, convocou-se a refletir sobre esse fazer psicológico frente essa modalidade específica, ao longo desta relação que se deu entre as plantonistas, as crianças e adolescentes, a própria Instituição, com o próprio fazer nesta prática, que possibilitou a oportunidade do espaço da oferta ao cuidado, indo de encontro com o pedido que clamou por urgência e atenção e, podendo possibilitar ao ser que sofre reconhecer o chamado que o convoca à responsabilidade pelo seu próprio cuidado (MORATO, 2009).

Diante da experiência em Plantão as crianças mostraram os recursos para irem de encontro com suas possibilidades, como ser de abertura para o mundo que são. Desvelou-se que muitas necessitam de auxílio, de um espaço, para que se aproximem de suas potencialidades e resgatem seu poder-ser. Foi possível observar e perceber o quanto o ser-criança está aberto ao seu próprio cuidado. Muitas vezes por faltar oportunidade de olhar e refletir sobre si e sua relação com seu mundo circundante, esse cuidado vai se perdendo e os mesmos negligenciam sua responsabilidade diante da atuação consigo, com os outros e o mundo.

O Plantão Psicológico mostrou-se como importante meio para veicular e tornar acessível os serviços de apoio psicológico para aqueles que precisam ser ouvidos, acolhidos em seu sofrimento e que promova reflexões que tragam contorno ao próprio existir, que resgatem a medida de sua existência (FEIJOO, 2015). Pois conforme Capeli (2017, p.5), tal atitude clínica se articula com o chamado da psicologia em "participar do desafio contemporâneo de propiciar a construção de novas formas e práticas de se pensar o saber psicológico e a realização de atividades cada vez mais em sintonia com as demandas psicossociais no contexto comunitário e institucional e no âmbito das políticas públicas de assistência social e saúde pública". A viabilização desta e de outras propostas de atuação são de extrema urgência e relevância na promoção de saúde, com o intuito de atingir o ser em sofrimento nos mais variados contextos.

Soma-se a isto à importância para a formação e experiência dos profissionais da Psicologia, podendo expressar em seu fazer uma postura que olhe para os aspectos sociais, que envolve o humano na contemporaneidade, em sua fragilidade, com compreensões de uma atuação além do setting terapêutico. Um profissional que poderá expressar um fazer, que se pauta em se colocar com o outro no clamor daquilo que solicita ajuda, que se propõe no processo do outro pelo modo do cuidado de preocupação libertadora (BRITTO, 2017), entre outras contribuições, que se oportuniza refletir na atuação que não se limita em uma única atuação e/ou contexto e, que se delimita pela ética e valorização do humano.

1.2 Considerações Finais

Através da experiência suscitada pelo Plantão Psicológico, as plantonistas foram tomadas por uma surpresa diante do movimento de procura gerado pelas crianças e adolescentes, como nos revela Cytrynowicz (2005), muitas vezes na lida com as crianças, as visões estão presas por concepções que ignoram o verdadeiro modo como o ser criança se dá no mundo. Em que as vê como seres ingênuos, destituído da possibilidade de reflexão ou, quando se requer dos mesmos grande maturidade, conceito baseado no próprio ideal adulto de ser. O poema A Criança de Fernando Pessoa (2013, p. 74), também designado ao Alberto Caeiro, trazem versos que expressam o ser criança em uma visão não determinante, em que as mesmas possuem o potencial de refletir, atuam no mundo aberto para as possibilidades, significando e ressignificando tudo ao redor.

A CRIANÇA

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar num ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

Mostra-se importante compreender que apesar de serem assistidos por adultos, seja a família, escola, entre outros, a criança e o adolescente são corresponsáveis pelo cuidado de si e de seus modos de ser. No entanto, sua voz muitas vezes é negligenciada e o cuidado de si deslegitimado, mostra-se necessário devolver a própria responsabilidade, a escolha de como lidar com o que surgiu, deixando o ser livre para encontrar a sua medida existencial (BRITTO, 2017).

O deslocamento gerado pelo Plantão Psicológico, por ser um atendimento que sai dos moldes convencionais, com possibilidades diversas de configurar, diante da vivencia dentro do Centro de Acolhida, convocou a refletir sobre os modos do cuidado que se manifesta dentro do espaço institucional, assim como o próprio fazer psicológico dessa modalidade específica. Mais especificamente, refletir sobre a oportunidade de um espaço que ofertou cuidado, indo de encontro com o pedido que clama por urgência e atenção e, que pode possibilitar ao ser criança e adolescente que sofre reconhecer o chamado que o convoca ao cuidado de si (HALPERN-CHALOM, 2001).

O Plantão Psicológico se colocou como via de acesso às demandas das crianças e adolescentes, os mesmos procuraram a escuta, seja por curiosidade, pela estranheza ou pelo sofrimento causado por seus modos de ser na lida diária. Os atendimentos ocorreram durante a vivência, como plantonistas, pela Instituição, através do emergir de narrativas, deu-se voz às angústias e à dor que não poderia permanecer calada (HALPERN-CHALOM, 2001).

O local delimitado pelo Centro de Acolhida de crianças e adolescentes, por si só, representa os mais variados espaços de expressão, oferece diversas atividades como teatro, dança, música, produções artísticas, debates, entre outras. Podendo ser estas, oportunidades que impactaram os modos dessas crianças e adolescentes, em se dispor de tempo para olhar para

si. No entanto, o que permaneceu claro do movimento que se deu em Plantão Psicológico, o recebimento de um serviço que não existia, mostrando uma necessidade clara e urgente por este espaço e, assim apresentou-se queixas específicas e desvelaram-se demandas de cuidados emergenciais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. de Práticas psicológicas e agoridade. In: VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÃO, 2008, São Paulo**. Anais do VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicologicas em Instituições Atenção Psicologica: Experiência, Intervenção e Pesquisa**, São Paulo: USP, 2008.

AUN, H. A.; MORATO, H. T. P. Atenção psicológica em instituição: Plantão psicológico como cartográfica clínica. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (Coord.) **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009, cap. 9, p. 121-190.

BRITTO, O. H. G. A clínica psicológica infantil pela abordagem fenomenológica existencial: uma aposta não-moralizante. In: FEIJOO, A. M. L. C.; FEIJOO, E. L. (orgs.) **Situações clínicas II**: Infantil. Rio de Janeiro: IFEN, 2017, cap. 5, p. 165-190.

CAPELI, R. O CUIDADO COM O MUNDO REVELADO NO PLANTÃO COMUNITÁRIO **(material base de aula/supervisão de estágio). Acesso restrito via contato autora: capeli.renata@gmail.com**

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2014. Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf >. Acesso em: 12 nov. 2017.

CYTRYNOWICZ, A. B. O tempo na criança e a daseinsanalyse. **Revista Brasileira de Daseinsanalye**. São Paulo, v.1, n. 14, p. 64-79. 2005.

FEIJOÓ, A. M. L. C. Solidão, cristalização da identidade feminina e a clinica psicológica existencial In: FEIJOÓ, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M. (orgs.) **Situações Clínicas I**: Análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap. 1, p. 17- 41.

FERREIRA, L. S. M. Uma aproximação fenomenológico-existencial da experiência do pânico In: FEIJOÓ, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M. (orgs.) **Situações Clínicas I**: Análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap. 7, p. 197- 224.

HALPERN-CHALOM, M. **Contar histórias e expressar-se**: aprendizagem significativa e plantão psicológico abrindo possibilidades para a clínica. (2001). 178 f. Tese (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

MAGLIANO, F. Apropriação de sentido e liberdade nas práticas clínicas fenomenológicas In: FEIJOÓ, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M. (orgs.) **Situações Clínicas I**: Análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap. 6, p. 165-196.

MORATO, H. T. "Plantão Psicológico: inventividade e plasticidade". In: IX SIMPÓSIO NACIONAL DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES. 2009, Recife - Pernambuco. **Anais do IX Simpósio de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática**. Recife: UNICAP, 2009. v. 1. p. 1-15.. Disponível em: <https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf >. Acesso em: 09 nov. 2017.

PESSOA, F. Poemas Completos de Alberto Caeiro. Luso Livros. 2013. Disponível em: <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf>. Acesso: 12 nov. 2017.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC Paulus, 2004. 246 p.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem**. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2011. 177 p.

SÁ, R. N. Hermenêutica fenomenológica da experiência de si mesmo e psicoterapia. In: FEIJOÓ, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M. (orgs.) **Situações Clínicas I**: Análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap. 2, p. 45-65.

SAPIENZA, B. T. **Encontro com a Daseinsanalyse**. São Paulo: Escuta, 2015. 106 p.

SCALATI, L. O pensar e o cuidado (Sorge): Os caminhos do fazer clíncido fenomenológico-hermenêutico. In: FEIJOÓ, A. M. L. C.; PROTÁSIO, M. M. (orgs.) **Situações Clínicas I**: Análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap. 4, p. 97-129.

SODELLI, M.; SODELLI-TEODORO, A. Visitando os "Seminários de Zollikon": novos fundamentos para psicologia fenomenológica existencial. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/10343/7722>. Acesso em: 08 nov. 2017.